



Arquivo do Instituto Hórus

Corte da planta Nim que invadiu reserva em Ghana

MANEJO FLORESTAL

Plantas exóticas ameaçam biodiversidade

O uso indiscriminado de plantas exóticas para fins paisagísticos, comerciais e até de reflorestamento, caso do *Pinnus elliotti* (pinheiro americano), já é encarado como um risco ao ecossistema. “A recuperação ambiental com plantas exóticas é um erro pois estabelece, na prática, uma monocultura que ocupa o espaço de espécies nativas em prejuízo da biodiversidade”, afirma a engenheira florestal Sílvia Ziller. Ela coordena o Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental, organização não-governamental de Curitiba, que realiza um levantamento inédito de plantas exóticas invasoras no Brasil, com a elaboração de um sistema de informações geográficas para localizar as regiões invadidas por essas espécies. Sílvia acrescenta que o potencial de as espécies invasoras alterarem os sistemas naturais é tão grande, que essas plantas são hoje a segunda maior ameaça mundial à biodiversidade, só perdendo para a exploração humana direta na destruição de habitats.

O Brasil começou, na década de 60, a usar variedades exóticas como solução para a recuperação florestal, e quem plantasse pinus e eucalipto recebia, inclusive,

incentivo fiscal por parte do governo. O mesmo problema ocorreu, também, no setor pastoril, com a implantação de gramináceas africanas, como a braquiária, para fins forrageiros. “Substituir o campo natural resulta em perda de biodiversidade e de produtividade, pois a vegetação nativa é mais rica em proteínas para o gado”, explica a pesquisadora.

No cenário internacional, Sílvia cita o caso da Cidade do Cabo, na África do Sul. A ação dos colonizadores a partir do início do século XIX que, para fins paisagísticos, substituíram paisagem nativa (herbáceo arbustiva) por coníferas da Austrália e da América do Norte, resultou na quebra do balanço hídrico: por consumirem muito mais água, essas árvores invadiram os mananciais. “Se não forem removidas, o que o governo já começou a fazer, a cidade do Cabo poderia perder em 20 anos, 40% do volume de água de sua

bacia hidrográfica e, em 40 anos, os rios correriam o risco de secar”.

A questão de plantas exóticas invasoras assumiu tal dimensão que a ONU criou, em 1997, o Programa Global de Espécies Invasoras (Gisp). No Brasil, apesar da disseminação dessas espécies estar enquadrada na Lei de Crimes Ambientais, “falta-nos uma visão mais ampla do problema e mais atuação dos órgãos de fiscalização”. Para reverter esse quadro, Sílvia sugere a intensificação da pesquisa para demonstrar as conseqüências do uso de espécies exóticas e a viabilidade do uso de plantas nativas. Os dados para o levantamento de plantas exóticas invasoras estão sendo coletados entre as universidades e formulário disponível no site do instituto: <http://www.institutohorus.org.br>.

Marta Kanashiro

BALANÇO INÉDITO SOBRE BIODIVERSIDADE NO BRASIL



Publicado pela Editora Contexto, em conjunto com o Ministério do Meio Ambiente e a Conservation International do Brasil

Reunir a maior quantidade possível de informações sobre a biodiversidade brasileira, que estão muito dispersas e a maioria sequer publicadas, e produzir um retrato abrangente do conhecimento atual. Esse foi o desafio dos professores Thomas Lewinsohn, do Instituto de Biologia, e Paulo Inácio Prado, do Núcleo de Pesquisas Ambientais (Nepam), ambos da Unicamp. O resultado foi o livro *Biodiversidade brasileira - Síntese do estado atual do conhecimento*.

Esse balanço permite melhorar a avaliação global sobre o tema e serve de ferramenta importante para apontar caminhos para a pesquisa e desenvolvimento da área, seja no aspecto institucional ou para priorizar temas e regiões para investigação. A produção do trabalho recebeu apoio do Programa das Nações Unidas (PNUD), como integrante da elaboração da Estratégia Nacional de Biodiversidade pelo Ministério do Meio Ambiente.